

Economista inglês prega ida ao FMI

São Paulo — O Brasil precisa elaborar um programa econômico plausível e coerente interna e externamente, que contemple redução da inflação, contenção de déficit público e um ritmo de crescimento mais lento (entre 2 e 4% ao ano) e mais consistente. Além disso, no campo externo, são necessários mecanismos que convençam a comunidade financeira internacional de que o problema da dívida é político e precisa de soluções negociadas, que resultem em concessões de ambos os lados. É também indispensável que esse programa seja apreciado pelo Fundo Monetário Internacional.

A receita para a solução do endividamento brasileiro é do economista e jornalista inglês, Anatole Kaletsky, chefe do escritório de Nova Iorque do **Financial Times**, editado em Londres e considerado o mais importante jornal financeiro da Europa. Ele fez ontem uma extensa palestra para cerca de 200 executivos financeiros a convite da Ordem dos Economistas de São Paulo e, entre outras coisas, afirmou que os banqueiros internacionais querem do novo ministro da Fazenda mais do que posições de "endurecimento" na questão da dívida, estratégias de como se pretende equacionar as dificuldades econômicas internas e externas.

Com a autoridade de um dos primeiros defensores da moratória — escreveu um livro há dois anos falando sobre a oportunidade de sua decretação — Kaletsky afirmou que ela foi tomada na direção correta, porém ficou no vazio. "O ex-ministro da Fazenda, Dilson Funaro, fez um giro pelo mundo para explicar a moratória e não disse nada. Não explicou porque a dívida dos países em desenvolvimento era uma questão política", disse.

Na avaliação de Kaletsky, para convencer os credores de que eles também são culpados pelo endividamento dos países do Terceiro Mundo é necessário criar **lobbies** junto aos congressos, aos governos e aos empresários dos países credores. "Não podemos esperar — diz o jornalista — que os bancos e os governos do primeiro mundo tomem a iniciativa de ir até aos endividados para reconhecer que, quando emprestaram volumosos recursos, também eles cometeram um engano e que estão dispostos a fazerem concessões".

Esse trabalho de convencimento dos governos e bancos credores precisa ser ativo e eficiente. Ele lembrou, por exemplo, os gastos dos japoneses e dos israelenses junto ao Congresso e à opinião pública norte-americana. Paralelamente a esse trabalho de relações públicas internacionais, o jornalista inglês afirma que o Brasil precisa perder o medo que tinha daquele FMI que atuava na crise de 1982. Segundo garante, o FMI que existe hoje é outro. "Ele é bem mais modesto, mais flexível e a própria visão dos Estados Unidos, que hoje direcionam os rumos do FMI, em relação aos endividados, mudou".

Particularmente em relação aos Estados Unidos, Kaletsky garante que os bancos comerciais formam o setor mais "vulnerável" da complexa economia norte-americana. "Grupos como os das grandes multinacionais e dos exportadores hoje são muito mais poderosos que os bancos comerciais norte-americanos e, portanto, muito mais difícil de ser convencidos", resume.

Na opinião do economista, o Brasil, nos próximos quatro anos, não conseguirá novos empréstimos dos bancos internacionais em função da decretação da moratória. Por fim, Kaletsky pensa que, para o Brasil, seria mais interessante trabalhar na obtenção de um crescimento econômico menor, não os 7% pretendidos inicialmente, porém que fosse mais concreto e sem depender da poupança externa, que naturalmente não virá mais.